

## **Compaixão e graça como ferramenta essencial no cumprimento da grande comissão**

Compassion and Grace as Essential Tools in the Fulfillment of the Great  
Commission

Marcos Vinícius Moraes de Araújo<sup>1</sup>  
Letícia Calheiros<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este artigo reflete sobre a Compaixão e Graça como ferramentas vivas e transformadoras no cumprimento da Grande Comissão. A proposta nasce da experiência concreta e diária no campo missionário em tempo integral, onde o amor ao próximo precisa ser mais do que um discurso e se traduz em ações que alcançam o corpo e a alma. O texto argumenta que a compaixão não deve ser confundida com assistencialismo vazio, mas compreendida como parte essencial da missão redentora de Cristo, sendo aplicada com intencionalidade e sabedoria. Por meio da análise bíblica e teológica, especialmente a partir dos Evangelhos e da vivência ministerial de Jesus (Mt 9.36; Mc 1.41; Lc 7.13), buscamos fundamentar essa prática na missão da igreja. A metodologia adotada foi a qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise de experiências missionárias reais, especialmente dos projetos da Junta de Missões Nacionais. Autores como Wayne Grudem, John Stott e Millard Erickson contribuem para o embasamento teórico. O artigo conclui que a Compaixão e Graça, quando exercidas com consciência missional, tornam-se pontes que ligam o coração do evangelho às realidades humanas mais profundas..

**Palavras-chaves:** Compaixão. Graça. Missão.

### **ABSTRACT**

This article reflects on compassion, grace as living, and transformative tools for fulfilling the Great Commission. The proposal emerges from firsthand, full-time missionary field experience, where loving others must go beyond speech and be translated into actions that reach both body and soul. The text argues that compassion should not be mistaken for mere charity, but rather understood as an essential part of Christ's redemptive mission, applied with intentionality and wisdom. Through biblical and theological analysis—especially from the Gospels and the ministry of Jesus (Mt 9:36; Mk 1:41; Lk 7:13)—we seek to ground this practice in the church's mission. The adopted methodology was qualitative, based on bibliographic review and real missionary experiences, particularly those of the Brazilian Baptist National Mission Board. Authors such as Wayne Grudem, John Stott, and Millard Erickson provide the theoretical foundation. The article concludes that when grace and compassion are exercised with missional awareness, they become

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia – FABAT.

<sup>2</sup> Mestranda em Teologia Sistemática – PUC-Rio.

bridges that connect the heart of the Gospel with the deepest human needs.

**Keywords:** Compassion. Grace. Mission.

## INTRODUÇÃO

A missão da igreja não se limita a proclamar o evangelho por meio de palavras; ela é chamada a viver, com integridade e amor, os valores do Reino de Deus em contextos reais, onde pessoas enfrentam fome, dor, abandono e desesperança. Neste cenário, a compaixão e a graça não são apenas sentimentos nobres ou atos isolados de bondade, mas expressões do caráter de Cristo e ferramentas fundamentais para o cumprimento da Grande Comissão. A vivência missionária em tempo integral, especialmente no contexto amazônico e hoje com refugiados e imigrantes nas frentes de atuação da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, revela que a compaixão aplicada de maneira intencional e com consciência missional transforma vidas e abre caminhos profundos para o anúncio do evangelho.

O presente artigo tem como objetivo fazer análises bibliográficas de autores que se aprofundaram no estudo do papel da Compaixão e Graça como instrumentos estratégicos no cumprimento da Grande Comissão, superando a visão limitada e, por vezes, distorcida de que ações sociais são meros apêndices da evangelização. O pastor batista e fundador do ministério 9Marks Mark Dever afirma que a missão central da igreja é a proclamação do evangelho, e que ações sociais, embora importantes, não devem substituí-la.<sup>3</sup> A lacuna identificada está na tendência de parte da igreja em tratar ações de Compaixão e Graça como fins em si mesmos, ou, por outro lado, desprezá-las como se fossem desvios do foco evangelístico. Propõe-se, portanto, um equilíbrio fundamentado nas Escrituras e na prática de Jesus, que unia palavra e ação com intencionalidade redentora.

A metodologia adotada é qualitativa, com base em revisão bibliográfica teológica e missiológica, além da análise de relatos e ações missionárias vividas no campo. Autores como Wayne Grudem, John Stott, Millard Erickson, entre outros, oferecem suporte para a fundamentação teórica. O estudo ainda dialoga com materiais da Igreja Multiplicadora

---

<sup>3</sup> DEVER, Mark. *Nine Marks of a Healthy Church*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2004.

e experiências dos projetos da Junta de Missões Nacionais.

Espera-se, com este trabalho, contribuir para a ampliação da visão missional da Igreja Batista Brasileira, incentivando líderes e membros a reconhecerem que compaixão e graça, quando vividas de forma intencional, não desviam o foco da missão — ao contrário, a fortalece, abrindo portas, corações e comunidades para a transformação que só o evangelho pode gerar.

## 1. A COMPAIXÃO E GRAÇA

Para compreender o papel da compaixão e da graça como ferramentas no cumprimento da Grande Comissão, é fundamental, antes, definir claramente esses conceitos sob a perspectiva teológica e missiológica. O pastor e Ex Diretor da Junta de Missões Nacionais (JMN) Fernando Brandão define compaixão e graça como “a sensibilidade às necessidades de uma comunidade e o serviço gracioso da igreja para lhes atender, de modo que a igreja se torne relevante, resultando na multiplicação de discípulos, para a glória de Deus”.<sup>4</sup>

A fundamentação teórica deste estudo mostra que compaixão e graça não são apenas sentimentos ou atitudes isoladas, mas elementos centrais que moldam a prática missionária cristã, conforme revelado no ministério de Jesus e desenvolvido na tradição teológica.

O pastor Fernando Brandão, que hoje ocupa o cargo de Diretor executivo da Convenção batista Brasileira, aponta ainda em seu livro que “as igrejas do primeiro século da era Cristã se tornaram relevantes na sua comunidade através de suas ações de Compaixão e Graça”<sup>5</sup>, ele acrescenta que as igrejas não se isolavam e nem se fechavam dentro de si mesmas, mas eram percebidas pela comunidade.<sup>6</sup> Assim, observamos a perceptível relevância da Igreja Primitiva do Primeiro Século, em meio à sociedade, afirmando sua identidade.

A igreja primitiva tornou a mensagem do evangelho visível e crível por meio de

---

<sup>4</sup> BRANDÃO, Fernando. *Igreja Multiplicadora*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2016, p. 151.

<sup>5</sup> BRANDÃO, Fernando. *Igreja Multiplicadora*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2016, p. 151.

<sup>6</sup> BRANDÃO, Fernando. *Igreja Multiplicadora*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2016, p. 151.

ações práticas de compaixão, como afirma Green, um dos mais respeitados teólogos anglicanos do século XX e início do XXI, respeitado por sua paixão pela evangelização, “eles tornaram a graça de Deus crível por meio de uma sociedade de amor e cuidado mútuo, que surpreendia os pagãos e era reconhecida como algo totalmente novo”.<sup>7</sup> Observamos a Compaixão e Graça exercida pela igreja do Primeiro Século tornando o evangelho mais amplamente conhecido.

Segundo o pastor, professor e escritor, Alberto Lins Caldas, teólogo com especialização em teologia sistemática e prática ministerial, “quando a igreja se estrutura excessivamente em métodos gerenciais e estratégias de crescimento, corre o risco de perder sua essência como organismo espiritual e se transformar em uma organização burocrática e funcional”<sup>8</sup>, esta observação sábia de Caldas, é um dos propulsores deste estudo que entende que deseja motivar a igreja a cumprir sua função de forma cada vez mais eficaz, ou eficiente para o cumprimento da grande comissão, apontando para a glória de Deus.

Observamos uma batalha de gigantes quando o assunto é igreja em seu sentido essencial e original. Observamos uma tensão constante entre a compreensão bíblica e teológica do termo e os usos populares e culturais que foram sendo acrescentados ao longo da história da cristandade.

Diante disso, torna-se necessário retornar às Escrituras para resgatar o real significado do que é a igreja. No contexto do Novo Testamento, a palavra frequentemente utilizada para descrever a igreja é *ekklēsia*. Etimologicamente, o termo provém da junção das palavras gregas *ek* (“para fora”) e *kaleō* (“chamar”), dando origem à expressão popularmente conhecida como “chamados para fora”.<sup>9</sup> No entanto, essa interpretação, embora rica simbolicamente, não representa com exatidão o uso da palavra no Novo Testamento.

Wayne Grudem, respeitado teólogo reformado contemporâneo, professor emérito de Teologia e Estudos Bíblicos no Phoenix Seminary, nos Estados Unidos, e autor de uma

---

<sup>7</sup> GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2020.

<sup>8</sup> CALDAS, Alberto Lins. *A Igreja: organismo ou organização?* [S.l.]: [s.n.], [s.d].

<sup>9</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 867.

das obras sistemáticas mais influentes no meio evangélico atual, afirma que “*ekklēsia*, no Novo Testamento, refere-se mais propriamente a uma assembleia convocada por Deus, um povo reunido para a adoração e para o cumprimento de Sua missão”.<sup>10</sup> Segundo ele, “a igreja é a comunidade dos verdadeiros crentes em Cristo em todos os tempos”.<sup>11</sup> Grudem ressalta ainda que o significado da palavra deve ser compreendido no seu contexto de uso, e não apenas em sua etimologia literal, pois, no Novo Testamento, *ekklēsia* descreve frequentemente grupos locais de crentes reunidos em comunhão, doutrina e serviço.<sup>12</sup>

Millard J. Erickson, teólogo batista norte-americano, também contribui para essa compreensão. Em sua obra *Teologia Sistemática*, amplamente reconhecida nas academias teológicas de tradição batista e evangélica, ele afirma que embora a etimologia de *ekklēsia* sugira a ideia de separação, seu uso bíblico aponta mais para uma comunidade convocada para um propósito divino. Erickson enfatiza que “a igreja é uma comunidade redentora, não um clube social, nem uma organização puramente humana”.<sup>13</sup>

Louis Berkhof, um dos grandes sistematizadores da teologia reformada no século XX, também argumenta que a igreja é composta daqueles que foram chamados por Deus para formar o seu povo, e que esta comunidade é, ao mesmo tempo, separada do mundo e enviada a ele com uma missão transformadora.<sup>14</sup>

É justamente nesse ponto que a eclesiologia se entrelaça com a missiologia. A igreja, além de ser uma assembleia convocada, é também uma comunidade missionária enviada ao mundo. Essa ideia é reforçada por Andreas Köstenberger e Peter T. O’Brien, estudiosos contemporâneos da missão, os quais ensinam que a igreja existe não apenas para se reunir em adoração, mas para ser enviada com compaixão e graça, como testemunha da redenção em Cristo. Segundo eles, a igreja é chamada para proclamar o

---

<sup>10</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 867.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 868.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 865.

<sup>13</sup> ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 1033–1036.

<sup>14</sup> BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 1992. p. 560–564.

evangelho com fidelidade e viver como povo que reflete o caráter e o propósito de Deus.<sup>15</sup>

Nesse sentido, a igreja é tanto *ekklesia* (assembleia) quanto *apostolē* (enviada), e sua identidade está intrinsecamente ligada ao cumprimento da Grande Comissão (cf. Mt 28.18–20; Jo 20.21). Ao resgatar essa compreensão bíblica e teológica, é possível libertar o conceito de igreja de reduções institucionais ou sociológicas, devolvendo-lhe sua identidade vocacional: um povo chamado pela graça e enviado em compaixão, que se reúne para ser instruído na Palavra e se dispersa para anunciar a salvação.

Diante das reflexões apresentadas, é possível reconhecer, com reverência, que a compaixão e a graça não são apenas atributos de Deus revelados nas Escrituras, mas fundamentos indispensáveis que sustentam tanto a identidade quanto a missão da igreja de Cristo e que essas virtudes não se limitam a construções teológicas abstratas ou meramente doutrinárias, mas se manifestam como expressões concretas do amor divino que acolhe, transforma e envia,<sup>16</sup> de acordo com Wright.

Wayne Grudem, ao tratar dos atributos comunicáveis de Deus, afirma que “a misericórdia, a graça e a paciência de Deus são frequentemente agrupadas nas Escrituras como expressões de sua bondade”, e conclui que “Deus quer que também manifestemos essas qualidades em nossa vida”.<sup>17</sup> Desde o Antigo Testamento até os evangelhos, observamos um Deus que se compadece do sofrimento humano e age com graça mesmo diante da infidelidade de seu povo. Sendo assim, é natural e teologicamente coerente esperar que a igreja, enquanto corpo de Cristo, reflita esse caráter divino em suas atitudes cotidianas, especialmente em seu compromisso com a proclamação do evangelho e o cuidado com os necessitados.

Essa compreensão é amplamente confirmada por teólogos da missão e da sistemática, que reconhecem que o agir compassivo e gracioso não é um aspecto periférico, mas sim central à vocação missionária da igreja. Millard J. Erickson, ao discorrer sobre os atributos morais de Deus, destaca que “a graça de Deus é seu favor

---

<sup>15</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J.; O'BRIEN, Peter T. *Teologia Bíblica da Missão*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 39–42.

<sup>16</sup> WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão de Deus: desbloqueando a Bíblia a partir da perspectiva da missão de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 47.

<sup>17</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 201.

generoso para com aqueles que não têm mérito próprio, e essa mesma graça é a base da nossa salvação e deve ser o modelo do nosso agir cristão”.<sup>18</sup> Essa afirmação ressalta que compaixão e graça não são apenas princípios que movem Deus em direção ao ser humano, mas também padrões a serem replicados pela comunidade dos redimidos.

Nesse mesmo espírito, o pastor Fernando Brandão — uma referência pastoral e missionária no cenário batista brasileiro contemporâneo — acrescenta uma contribuição valiosa à compreensão prática desse tema. Ele nos recorda que, ainda que vivamos em contextos históricos e culturais distintos daqueles enfrentados pelas igrejas do livro de Atos, os princípios que regem a vivência da compaixão e da graça continuam válidos e indispensáveis para a vida e relevância da igreja.<sup>19</sup> Brandão também adverte, com sensibilidade pastoral e realismo missionário, que “uma igreja não pode estar tão voltada para si mesma”, a ponto de se tornar indiferente às dores e realidades sociais ao seu redor, falhando em exercer influência transformadora em sua comunidade.<sup>20</sup> Essa exortação nos conduz à necessária autocritica e ao reconhecimento de que viver o evangelho com fidelidade exige mais do que ortodoxia doutrinária: demanda uma espiritualidade encarnada, sensível e ativa.

Ao encerrar este capítulo, reafirmamos que a compaixão e a graça são dádivas divinas que devem ser acolhidas com gratidão e traduzidas em ações com humildade. Que essa verdade nos desafie a buscar menos o conforto institucional e mais o compromisso com a missão redentora que nos foi confiada por Cristo.

Diante dessa compreensão prática e pastoral, faz-se necessário aprofundar, agora, os fundamentos bíblico-teológicos que sustentam os conceitos de compaixão e graça ao longo das Escrituras.

### **1.1 Definições bíblicas e teológicas**

Ao aprofundarmos a compreensão bíblico-teológica dos conceitos de compaixão

---

<sup>18</sup> ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 400.

<sup>19</sup> BRANDÃO, Fernando. *Igreja Multiplicadora: uma igreja local na missão de Deus*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2017. p. 155.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 155.

e graça, torna-se evidente que ambos se encontram no coração da revelação cristã e sustentam tanto a natureza de Deus quanto a missão de seu povo. Andreas J. Köstenberger, em sua obra *Teologia Bíblica da Missão*, explica que *splagchnízomai* refere-se a um profundo "movimento visceral das entranhas" que leva a uma resposta ativa diante do sofrimento alheio.<sup>21</sup>

A compaixão, no contexto do Novo Testamento, é expressa de forma intensa e concreta pelo termo grego *splagchnízomai* (σπλαγχνίζομαι), cuja raiz está relacionada às entranhas — o centro das emoções mais profundas na cultura hebraica e greco-romana. Como apontam estudiosos como Andreas Köstenberger, esse termo carrega o sentido de uma comoção interior intensa, que não se limita a uma reação emocional superficial, mas conduz a uma ação concreta em favor do outro. Trata-se de um “mover-se nas entranhas”, ou seja, um sentimento visceral de empatia que exige resposta.<sup>22</sup>

Esse conceito de acordo com Colin Brown, está claramente ilustrado no evangelho de Mateus 9.36, Brown foi um renomado teólogo e autor do (*The New International Dictionary of New Testament Theology*) onde se lê: “Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.” (Mt 9.36. O verbo utilizado segundo Brown é o, *ἐσπλαγχνίσθη* (*esplagchnísthē*), a forma passiva de *splagchnízomai*, descreve que Jesus foi profundamente comovido em seu íntimo ao ver o sofrimento humano.

A compaixão de Cristo, portanto, não é apenas uma emoção santa, mas um impulso divino que se manifesta em ação: ele cura, ensina, acolhe, alimenta. Essa resposta prática torna-se modelo para a missão cristã: uma fé que não permanece indiferente à dor, mas que, movida pelas entranhas da misericórdia, estende a mão e transforma realidades.<sup>23</sup>

No que se refere à graça, Erickson apresenta que o Novo Testamento utiliza o termo *cháris* (χάρις) para descrever um dos elementos centrais da teologia cristã. *Cháris* é frequentemente traduzido como “favor imerecido”, e se refere à iniciativa amorosa de

---

<sup>21</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J. *Teologia Bíblica da Missão*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 142–143.

<sup>22</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J. *Teologia Bíblica da Missão*. São Paulo: Vida Nova, 2015. p. 142–143.

<sup>23</sup> BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. v. 1, p. 284.

Deus em conceder salvação, perdão e restauração à humanidade, mesmo quando esta se encontrava em completa rebelião e indignidade.<sup>24</sup> Millard J. Erickson observa que “a graça de Deus é a base não apenas da justificação do pecador, mas também do relacionamento contínuo entre o crente e Deus”.<sup>25</sup> Wayne Grudem reforça essa ideia ao afirmar que “a graça é uma expressão da bondade de Deus para com os que não merecem salvação, sendo ela a base da vida cristã, desde a regeneração até a glorificação”.<sup>26</sup>

Importante destacar que a graça, embora divina em sua origem, também se torna visível nas relações humanas por meio da ação da igreja, que é o instrumento pelo qual “as multiformes sabedorias de Deus” são reveladas ao mundo. Como John Stott ressalta, a igreja não é apenas um grupo isolado, mas a expressão concreta da sabedoria e da graça de Deus, chamada a manifestar Sua presença e poder em meio à diversidade cultural e social da humanidade.<sup>27</sup>

A comunidade cristã é chamada a viver sob a lógica da graça, que se manifesta no perdão, acolhimento, restauração e serviço, refletindo o favor imerecido de Deus em sua prática ética e relacional. Conforme ressalta Wayne Grudem, a graça não é um atributo divino isolado, mas um princípio normativo para a vida do crente, pois Deus deseja que seus seguidores “manifestem essas qualidades em sua vida”.<sup>28</sup> Assim entende-se que compaixão e graça, portanto, não são apenas categorias teológicas, mas expressões do agir de Deus no tempo e no espaço, que moldam a ética, a espiritualidade e a missão da igreja.

Com base no exposto, contemplamos bíblico-teologicamente a compaixão como o profundo mover visceral do coração de Deus diante do sofrimento humano que impulsiona à ação de misericórdia e cuidado prático; e a graça como o favor imerecido e amoroso de Deus, que não só concede salvação, mas também fundamenta a vida ética e

---

<sup>24</sup> ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 1084–1085.

<sup>25</sup> *Ibidem*, p. 1086.

<sup>26</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 199–200.

<sup>27</sup> STOTT, John. *A Mensagem de Efésios*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 98.

<sup>28</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 201.

relacional da igreja como expressão viva do amor divino no mundo.

## 1.2 Distinção entre compaixão bíblica e filantropia secular

É crucial destacar que, apesar de existirem semelhanças superficiais, a Compaixão e Graça difere fundamentalmente da filantropia secular. A filantropia secular se baseia em princípios éticos e humanitários, buscando aliviar o sofrimento social. Lester M. Salamon, acadêmico americano nascido em um dos países mais capitalistas do mundo, os Estados Unidos, tornou-se uma referência global no estudo da filantropia e do terceiro setor",<sup>29</sup> em sua obra "The Resilient Sector", apresenta o conceito de que a Filantropia pode ser compreendida como o conjunto de ações voluntárias destinadas ao bem-estar social, com base em princípios éticos e humanitários, sem necessariamente possuir motivação espiritual ou religiosa.<sup>30</sup> Este esclarecimento de Salamon nos ajuda a entender os limites da filantropia.

Por outro lado, a compaixão e a graça, quando compreendidas a partir de uma perspectiva teológico-bíblica, nascem do amor divino e se expressam de forma integral, alcançando o ser humano em sua totalidade assim como diz o teólogo Henri Nouwen, que apresenta que a compaixão verdadeira "não é uma qualidade piedosa, mas a manifestação concreta da solidariedade com a dor do outro",<sup>31</sup> implicando um compromisso que envolve o coração, o pensamento e a ação. Nesse sentido, a compaixão divina não se limita ao consolo emocional, mas visa a restauração completa do ser humano, tanto espiritualmente quanto em suas dimensões social e existencial. Alvin Plantinga, ao refletir sobre a graça, destaca que ela é um ato de Deus que redime a condição caída da humanidade e inaugura uma nova realidade de vida transformada.<sup>32</sup> Assim, a graça não apenas perdoa, mas renova e reorienta a pessoa a partir de um novo fundamento — Cristo.

Enquanto isso, estudiosos contemporâneos têm enfatizado que a ação compassiva e graciosa, fundamentada no modelo de Cristo, se traduz em um chamado à prática

---

<sup>29</sup> SALAMON, Lester M. *The Tools of Government: A Guide to the New Governance*, 1999.

<sup>30</sup> SALAMON, Lester M.; ANHEIER, Helmut K.; LIST, Regina. *The Resilient Sector: The State of Nonprofit America*. Washington, D.C.: The Brookings Institution Press, 2004, p. 2.

<sup>31</sup> NOUWEN, Henri J. M. *Compaixão: Um reflexo do amor eterno*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 38.

<sup>32</sup> PLANTINGA, Alvin. *Engaging God's World: A Christian Vision of Faith, Learning, and Living*. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 123.

integral da missão, unindo anúncio e ação. Timothy Keller argumenta que a graça de Deus nos leva inevitavelmente ao serviço do próximo,<sup>33</sup> especialmente dos marginalizados, como expressão da justiça do Reino. Richard Foster, por sua vez, entende que a compaixão genuína brota da vida interior e conduz a um estilo de vida que confronta o egoísmo e acolhe o outro com misericórdia.<sup>34</sup>

Esses autores reforçam a ideia de que a compaixão e a graça, longe de serem sentimentos passivos, são forças ativas de transformação pessoal e comunitária, capazes de romper com estruturas de pecado, exclusão e indiferença. Portanto, ao contrário de uma filantropia apenas humanitária, a Compaixão e Graça visa a salvação integral do ser humano e reflete o caráter de um Deus que age com misericórdia e justiça.

Em seu comentário da carta de Tiago publicado pela editora CPAD, Antônio Renato Gusso que é pastor batista, teólogo, professor, escritor e autor de diversos comentários bíblicos que são usados em escolas dominicais e cursos teológicos dentro da nossa denominação sugere que “A fé sem obras é um discurso vazio. Dizer que ama a Deus e não se mover diante da necessidade do irmão é incoerente com o evangelho. De acordo com Gusso, Tiago denuncia essa espiritualidade estéril e chama o cristão à prática visível da fé.”<sup>35</sup> Gusso interpreta Tiago 2.15–16 como um chamado à maturidade cristã e ao envolvimento com as necessidades práticas do próximo como prova da fé autêntica.

Embora alguns teólogos como Martyn Lloyd-Jones, compreenda a passagem de Tiago 2 somente como um confronto direto à falsa fé e sua abordagem não aprofunde os conceitos de Compaixão ou Graça como temas centrais do texto. Até porque para Lloyd-Jones, o objetivo de Tiago é eminentemente teológico: uma denúncia ao antinomianismo — isto é, à ideia de que a fé pode existir sem a obediência prática —, sem necessariamente ensinar sobre misericórdia.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> KELLER, Timothy. *Justiça Generosa: A graça de Deus e a justiça social*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 112.

<sup>34</sup> FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina: O caminho do crescimento espiritual*. São Paulo: Vida, 2007, p. 193.

<sup>35</sup> GUSSO, Antônio Renato. *Tiago: Comentário Bíblico Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 72.

<sup>36</sup> LLOYD-JONES, Martyn. *Exposição de Tiago*. São Paulo: PES, 2002, p. 98.

Respeitosamente, sugerimos<sup>37</sup> que, em atenção ao olhar de figuras como as de John Stott, que em *The Message of James* apresenta Tiago 2.15–16 como uma poderosa convocação à compaixão prática, especialmente entre os membros da comunidade da fé, mas com implicações que alcançam todos os necessitados. Nessa obra, Stott afirma que “a preocupação com o irmão ou irmã que carece de comida ou vestuário revela se a nossa fé é viva ou morta. A graça recebida precisa gerar graça oferecida”.<sup>38</sup> E ainda para Douglas Moo, em sua exegese cuidadosa da carta, acrescenta que o foco primário de Tiago está, de fato, na responsabilidade para com os irmãos na fé, mas o princípio se aplica universalmente. Segundo Moo, “Tiago condena uma piedade que se contenta em expressar boas intenções. A fé verdadeira, moldada pela graça recebida, age com compaixão real, especialmente no corpo de Cristo, mas não se limita a ele”.<sup>39</sup> Dessa forma, autores contemporâneos reconhecem que o texto não apenas denuncia uma fé estéril, mas também revela o caráter ativo da graça — uma graça que age, acolhe e transforma.

Assim, percebe-se que a Compaixão e a Graça, nascem do amor divino, manifestando-se de maneira integral na vida do crente regenerado, enquanto a filantropia secular, por mais nobre que seja, opera a partir de uma lógica humanitária, ética e, por vezes, utilitária.

Chega-se, portanto, a um ponto de consenso respeitoso: teólogos cristãos e filósofos seculares reconhecem que filantropia e Compaixão Graça caminham em planos distintos. Ambas podem aliviar sofrimentos, mas somente a Compaixão é nascida da Graça Divina que transforma o coração com base no amor redentor de Deus.

## **2. A GRANDE COMISSÃO**

A chamada conhecida como "A Grande Comissão" encontra-se registrada em Mateus 28.18–20, onde Jesus, após a sua ressurreição, confere autoridade aos seus

---

<sup>37</sup> STOTT, John. *A Mensagem de Tiago: A fé que funciona*. São Paulo: ABU Editora, 2010, p. 65.

<sup>38</sup> MOO, Douglas J. *The Letter of James*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000, p. 131–135.

<sup>39</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Tradução de [Nome do tradutor]. São Paulo: Editora Vida, 1999. p. 916.

discípulos e os envia ao mundo com a tarefa de fazer discípulos, batizar e ensinar. Wayne Grudem, em sua *Teologia Sistemática*, comenta sobre a Grande Comissão de forma simples e objetiva quase que transliterando o texto bíblico, ele diz que "A Grande Comissão é o mandato dado por Cristo à sua igreja para proclamar o evangelho a todas as nações, fazendo discípulos, batizando-os e ensinando-os a guardar todas as coisas que Ele ordenou. Essa missão reflete a autoridade universal de Cristo e o propósito eterno de Deus de redimir um povo de toda tribo, língua, povo e nação."<sup>40</sup> A missão não nasce da iniciativa humana, mas da autoridade de Cristo e da natureza de Deus como missionário. Como afirma David Bosch, "a missão é, antes de tudo, o próprio movimento de Deus em direção ao mundo".<sup>41</sup>

A Grande Comissão é, portanto, mais do que uma ordem; trata-se de uma extensão do ministério de Jesus por meio de seu corpo, a igreja. A missão é inseparável do ser cristão. Karl Barth, refletindo sobre a natureza da igreja, assegura que "a igreja existe para a missão como o fogo existe para queimar".<sup>42</sup>

Na introdução de sua cartilha sobre missão, Arival Dias Casimiro aponta que a obra missionária de Deus é o maior empreendimento da história. Ela é grandiosa em sua origem, pois foi planejada antes da fundação do mundo e realizada pelo Deus Todo-Poderoso dentro da história humana. É grandiosa em seu propósito de salvar pecadores, libertando-os da escravidão do pecado, da morte e do maligno. É grandiosa em sua abrangência geográfica, alcançando pessoas de todas as tribos, línguas, povos e nações. E, por fim, é grandiosa por sua produtividade, visto que os seus frutos durarão para toda a eternidade. Como ele ilustra: "Se você deseja plantar algo que dure uma semana, plante hortaliças; se quer algo para uma estação, plante flores; se aspira plantar algo para a vida, plante árvores; mas, se busca plantar algo eterno, plante uma igreja."<sup>43</sup>

Esse conceito reforça a essência da Grande Comissão como a missão de plantar

---

<sup>40</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Tradução de [Nome do tradutor]. São Paulo: Editora Vida, 1999. p. 916.

<sup>41</sup> BOSCH, David J. *Missão Transformadora: Encontro da Igreja com o Mundo*. Tradução de [Nome do tradutor]. São Paulo: Editora [Nome], 2002, p. 389.

<sup>42</sup> BARTH, *apud* WRIGHT, 2012, p. 62.

<sup>43</sup> CASIMIRO, Arival Dias. *O que é a Grande Comissão*. São Paulo: Heziom, 2023, p. 3.

igrejas e fazer discípulos, estendendo o Reino de Deus com impacto eterno. A autoridade<sup>44</sup> universal de Cristo e a missão da igreja de fazer discípulos de todas as nações, é enfatizada através de Grudem que ressalta a seriedade e abrangência do mandato (Mateus 28:18-20). Para ele, a Grande Comissão é um comando divino e soberano, fundamental para o propósito eterno de Deus. O Doutor em Teologia (Ph.D.) pela Universidade de Cambridge, diz que “A Grande Comissão é o mandato dado por Cristo à sua igreja para proclamar o evangelho a todas as nações, fazendo discípulos, batizando-os e ensinando-os a guardar todos os seus mandamentos.”<sup>45</sup>

Em “A Missão Cristã no Mundo Moderno”, Stott sugere que “A missão cristã é essencialmente internacional. Cristo comissionou a igreja a pregar o evangelho a todas as nações, cruzando todas as barreiras étnicas, culturais e geográficas.”<sup>46</sup> A Comissão é grandiosa porque seus frutos são eternos. Ao plantar igrejas e fazer discípulos, a igreja participa de uma obra cujo impacto não se limita ao tempo presente, mas estende-se à eternidade, pois as almas salvas serão para sempre parte do Reino de Deus. Como ilustra Arival Dias Casimiro, “se você busca plantar algo eterno, plante uma igreja”, enfatizando que essa missão produz resultados duradouros que ultrapassam a existência terrena. Por fim, a Grande Comissão é grandiosa por comissionar todos os seus discípulos para o cumprimento dessa missão.

Christopher J. H. Wright na Obra “A Missão de Deus”, mostra que a missão de Deus é universal em escopo, incluindo todos os povos e nações, sem barreiras linguísticas ou culturais. “A missão de Deus é para todas as nações, não como opção, mas como parte essencial de seu plano redentor.”<sup>47</sup> Portanto, sugere-se que a grande comissão seja o supremo mandato missionário de Cristo à sua igreja, pelo qual Ele, com plena autoridade, comissiona todos os seus discípulos a irem por todo o mundo, fazendo discípulos de todas as nações, batizando-os e ensinando-os a obedecer a tudo o que Ele ordenou (Mt 28.18–20). Trata-se de uma ordem contínua, com alcance universal, frutos eternos e

---

<sup>44</sup> CASIMIRO, Arival Dias. *O que é a Grande Comissão*. São Paulo: Heziom, 2023, p. 3.

<sup>45</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Tradução de [Nome do tradutor]. São José dos Campos: Editora Fiel, 1999, p. 916.

<sup>46</sup> STOTT, John. *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. Viçosa: Ultimato, 2007, p. 23.

<sup>47</sup> WRIGHT, 2014, p. 41.

responsabilidade coletiva, revelando o coração de Deus pela salvação dos povos e o papel da igreja como agente ativo na realização desse propósito eterno.

Diante de tamanha grandiosidade e relevância da missão confiada por Cristo, surge naturalmente a pergunta: quem será o responsável por levar adiante essa obra eterna?

## 2.1 Quem Fará? A Responsabilidade da Igreja como Corpo de Cristo

A luz da rica obra "A Missão de Deus", Wright apresenta que a responsabilidade pela missão não está confinada a um grupo especial de 'missionários', mas pertence essencialmente à identidade de todo o povo de Deus.<sup>48</sup> A Missão de Deus foi confiada à ekklesia, a comunidade dos seguidores de Cristo chamados por Cristo para fora. Na revista *Ultimato* de 2007 em um artigo "A Missão Cristã no Mundo Moderno" John Stott apresenta a igreja como o agente escolhido por Deus para proclamar o evangelho e viver como testemunha do Reino.<sup>49</sup>

A indicação do entendimento desta palavra grega ekklesia (ἐκκλησία), usada no Novo Testamento para designar a igreja, carrega o sentido de uma assembleia chamada para fora, indicando que os crentes foram separados do mundo para viver e proclamar as verdades do Reino de Deus. Essa ideia parte de George Eldon Ladd, um dos teólogos evangélicos mais influentes do século XX na área de teologia do Novo Testamento e escatologia bíblica, e indica que a igreja é a comunidade escatológica dos redimidos, chamada para fora do mundo e enviada de volta a ele como instrumento do Reino.<sup>50</sup>

O Novo Testamento apresenta vários exemplos do envolvimento de todos os crentes na missão. William Barclay em seu comentário sobre Atos, destaca que o capítulo 8 mostra a expansão da missão além dos apóstolos, com discípulos comuns assumindo o trabalho de evangelização, comentando sobre "Filipe, um diácono e não um apóstolo, é enviado pelo Espírito para pregar em Samaria, mostrando que a missão não era

---

<sup>48</sup> WRIGHT, Christopher J. H. *A Missão de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 28.

<sup>49</sup> *Ultimato*, 2007, p. 44.

<sup>50</sup> LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 330.

exclusividade dos apóstolos.”<sup>51</sup> Em Atos 8.4, após a perseguição que dispersou os cristãos de Jerusalém, lemos: “Os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra.” Não se tratava dos apóstolos, que permaneceram em Jerusalém, mas dos membros comuns da igreja, que entenderam seu papel na missão. Isso confirma o que Christopher Wright argumenta ao dizer que: “a missão de Deus é levada adiante pelo povo de Deus em todos os tempos e lugares”.<sup>52</sup>

A visão da responsabilidade coletiva na missão também é fortalecida por Efésios 4.11–12, onde Paulo ensina que Deus concedeu dons à igreja para que os santos fossem aperfeiçoados para o desempenho do seu serviço. Michael Goheen observa que a missão não é um departamento da igreja, mas sua própria identidade: “Missional é aquilo que descreve toda a vida da igreja como participante do envio de Deus.”<sup>53</sup> Além disso, a Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira afirma que “cada igreja local deve evangelizar, discipular e enviar obreiros para a plantação de novas igrejas”,<sup>54</sup> destacando a responsabilidade de todos os membros como cooperadores da missão. Com base nisso, não há espaço para uma fé passiva e isolada; a fé verdadeira move-se em direção ao outro para agirmos com Compaixão e Graça

Portanto, a missão da igreja é a missão de cada cristão. Conforme afirma o teólogo Lesslie Newbigin “A igreja não tem missão; ela é missão.”<sup>55</sup> A compreensão de que “o chamado missionário” é exclusivo para alguns tende a ser equivocada de acordo com o que temos visto nesta pesquisa. Todo crente é um enviado, um testemunho vivo da Compaixão e Graça de Deus.

## **2.2 Quem Fará? A Responsabilidade da Igreja como Corpo de Cristo**

A ordem de Jesus registrada em Mateus 28.19–20, conhecida como a Grande Comissão, constitui o mandamento central da missão cristã: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo;

---

<sup>51</sup> BARCLAY, William. *Comentário ao Novo Testamento*. Ed. Paulus, 2004.

<sup>52</sup> WRIGHT, 2012, p. 31

<sup>53</sup> GOHEEN, Michael W. *Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003, p.[s.n].

<sup>54</sup> CBB, 2000, p. 41.

<sup>55</sup> Newbigin 2006, p. 120.

ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado; e eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”.<sup>56</sup>

Friedrich Blass, um renomado filósofo e gramático clássico alemão, especialista em grego apresenta a expressão “ide” (πορευθέντες – *poreuthentes*) está no particípio aoristo, mas seu uso, em contexto com o verbo principal “fazei discípulos” (*mathēteusate*), adquire o sentido de ação contínua e permanente. Trata-se de um chamado que não é esporádico, nem condicional, mas característico da identidade cristã.<sup>57</sup> Assim, a missão não é apenas um evento evangelístico ocasional, mas uma dimensão constante do ser da Igreja. Wright, Christopher J. H. indica que “A missão não é uma atividade entre outras na igreja, é sua razão de ser da igreja. A igreja não tem uma missão; a missão tem uma igreja.”<sup>58</sup> O caráter contínuo da missão é ainda mais evidente quando se observa a ligação entre o ensino de Jesus e a prática apostólica. David Bosch, sugere que a missão é o compromisso para quem teve um encontro autêntico com Cristo. Bosch diz que “Missão é o resultado inevitável de se ter sido encontrado por Cristo.”<sup>59</sup>

Segundo John Stott, “a evangelização não é uma atividade opcional para a Igreja; é uma obrigação imposta por Cristo, que a reivindica como parte integrante de sua missão no mundo”.<sup>60</sup> “A evangelização não é uma atividade opcional para a Igreja; é uma obrigação imposta por Cristo.”<sup>61</sup> Além de contínua, e para todos os salvos, a missão é urgente. Não se trata apenas de uma tarefa em andamento, mas de uma incumbência que exige imediata obediência. Como sugere Lloyd-Jones, comentando sobre o texto de 2Timóteo 4.2, enfatiza que a evangelização é um dever contínuo e urgente, pois “a

---

<sup>56</sup> Bíblia. Português. Sagrada Bíblia. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Mateus 28.19–20.

<sup>57</sup> BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R. W. *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1961.

<sup>58</sup> Wright, Christopher J. H. *A Missão de Deus: desbloqueando a grande narrativa da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 89.

<sup>59</sup> BOSCH, David J. *Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, p. 402.

<sup>60</sup> STOTT, J. *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. São Paulo: ABU Editora, 2008.

<sup>61</sup> STOTT, J. *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. São Paulo: ABU Editora, 2008.

necessidade espiritual do homem não muda com o tempo;<sup>62</sup> portanto, a urgência da mensagem permanece constante”. O teólogo galês nos lembra que a missão não deve se adaptar à passividade das circunstâncias, mas agir apesar delas. William D. Mounce um especialista em grego e autor do comentário “*Pastoral Epistles*” da série *Word Biblical Commentary* em seu Comentário sobre 2Tm 4.2, apresenta a disposição destes termos apontando para o fato de que “A pregação deve ser contínua, não dependendo da receptividade ou conveniência do momento. O termo *kairos* (tempo oportuno) e *akairos* (tempo inoportuno) mostram que o mensageiro não pode ser guiado pelas circunstâncias externas.”<sup>63</sup> Mounce analisa detalhadamente os termos gregos *καιρόν* e *ἀκαιρός* e conclui que o comando de Paulo exige uma ação contínua e não condicional. Lloyd-Jones, comentando sobre esse texto, enfatiza que a evangelização é um dever contínuo e urgente, pois “a necessidade espiritual do homem não muda com o tempo; portanto, a urgência da mensagem permanece constante”.<sup>64</sup> O teólogo galês nos lembra que a missão não deve se adaptar à passividade das circunstâncias, mas agir apesar delas.

A urgência da missão exige também uma espiritualidade pronta para obedecer. Evangelizar em tempo e fora de tempo significa viver em vigilância e entrega. Dietrich Bonhoeffer, em sua obra clássica *Discipulado*, ressalta que “quando Cristo chama um homem, ele o chama para morrer”.<sup>65</sup> Essa morte simbólica é a renúncia à própria vontade, à segurança e ao comodismo. É morrer para os próprios planos e viver para o Reino. A prontidão espiritual não é, portanto, um sentimento subjetivo de entusiasmo, mas um estado de obediência constante à vontade de Deus. Como bem afirmou Charles Spurgeon: “Todo cristão é um missionário ou um impostor”.<sup>66</sup> Essa declaração resume o que significa pertencer ao povo de Deus em missão. Isso quer dizer que Igreja que não evangeliza não apenas deixa de cumprir uma tarefa; ela falha em ser aquilo que é em sua essência. Negligenciar a missão é tornar-se irreconhecível diante de seu Senhor. A

---

<sup>62</sup> LLOYD-JONES, Martyn. *A Pregação e os Pregadores*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas (PES), 2000, p. 215.

<sup>63</sup> MOUNCE, William D. *Pastoral Epistles*. Word Biblical Commentary, vol. 46 Nashville: Thomas Nelson, 2000, p. 580.

<sup>64</sup> LLOYD-JONES, 2000, p. 215.

<sup>65</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1995, p. 21.

<sup>66</sup> SPURGEON, Charles H. *Sermões de Charles Spurgeon*. São Paulo: Editora Fiel, 2001, p. 154.

evangelização, portanto, não deve ser tratada como projeto, evento ou departamento da igreja local. É a sua respiração. É a sua resposta ao chamado divino que ecoa desde a cruz até hoje: “Como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não há quem pregue?” (Rm 10.14).<sup>67</sup>

Diante disso, conclui-se que a continuidade e urgência da missão são inseparáveis da fidelidade da Igreja. Não se trata apenas de obedecer um mandamento, mas de viver em comunhão com o coração de Deus, que deseja que todos os homens sejam salvos. Missão é mais que estratégia; é identidade. Evangelizar é existir corretamente diante de Deus.

### **3. A COMPAIXÃO E A GRAÇA RECEBIDAS E PRATICADAS: O ELO VITAL ENTRE SALVAÇÃO E MISSÃO**

A compreensão profunda da compaixão e da graça como ferramentas essenciais na missão da igreja não se encerra em definições teológicas, tampouco em suas manifestações nos textos sagrados. Ela encontra seu ápice na prática. Lesslie Newbigin, na obra "O Evangelho em uma Sociedade Pluralista" indica que "A igreja é chamada a ser o sinal, o instrumento e a antecipação do Reino. Isso significa viver de tal forma que o mundo veja o que é a graça."<sup>68</sup> É quando a Compaixão e a Graça que recebemos de Deus se tornam atitudes concretas e visíveis, encarnadas na vida da igreja, que a missão se cumpre plenamente.

A igreja que recebeu Graça deve viver por Graça. Philip Yancey sugere que "A igreja é o lugar onde a graça deve ser mais visível, porque é o lugar onde ela foi mais recebida."<sup>69</sup> A comunidade que foi alvo da compaixão divina deve se mover com entranhas tocadas pela dor do outro. Wayne Grudem nos lembra que “Deus deseja que também manifestemos essas qualidades em nossa vida”. Portanto, a missão cristã é um prolongamento da obra de Cristo, pois como Ele foi enviado ao mundo, também nós

---

<sup>67</sup> Bíblia. *Sagrada Bíblia*: versão Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Romanos 10.14.

<sup>68</sup> NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*. Petrópolis: Editora Ultimato, 1. ed., 2015.

<sup>69</sup> YANCEY, Philip. *Maravilhosa graça*. São Paulo: Editora Vida, 1999, p. 221.

somos enviados.<sup>70</sup>

A prática da compaixão e da graça deve, então, ser compreendida como uma resposta à graça recebida. Henri Nouwen sugere que “A verdadeira compaixão nasce quando reconhecemos nossa própria necessidade de cura e permitimos que o mesmo amor que recebemos flua para os outros.”<sup>71</sup> Não se trata de ativismo ou dever moral, mas de um reflexo da transformação operada pelo Espírito no interior do cristão. A missão não é movida por culpa, mas por gratidão. O teólogo J. I. Packer, aborda amplamente que a motivação para a missão é “A verdadeira motivação para o evangelismo não é culpa, mas gratidão — o desejo de agradar a Deus e o amor pelos outros que flui de um coração transformado pela graça”<sup>72</sup> Isso reforça o contraste entre o ativismo moralista e a missão impulsionada por gratidão e transformação espiritual.

A compaixão não é uma opção, é um fruto do novo nascimento. Jonathan Edwards declara que “Onde não há compaixão, não há verdadeira conversão. A graça salvadora, quando real, produz um coração sensível à miséria alheia.” O que sustenta biblicamente que a compaixão é uma evidência externa de uma transformação interna, transformação esta operada por Deus, como defende Tim Keller em “Justiça Generosa”, “a Regeneração cria um novo coração, e esse novo coração ama aquilo que Deus ama — incluindo o cuidado com os pobres, o sofrimento dos outros e a justiça.”<sup>73</sup>

A graça não é um privilégio para ser armazenado, mas uma corrente de amor para ser compartilhada. John Owen apresenta que “A verdadeira graça transforma o coração, e de um coração regenerado brotam frutos como o amor e a compaixão; sem eles, não há sinal de vida espiritual.”

O texto de Tiago 2.15–16, analisado por Stott, Gusso e Moo, demonstra que a ausência de práticas compassivas é evidência de uma fé morta. A graça que recebemos precisa ser encarnada no cuidado com o próximo. Como bem afirmou John Stott, “a graça

---

<sup>70</sup> “Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Paz seja convosco! Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio.” (João 20.21, ARA).

<sup>71</sup> NOUWEN, Henri J. M. *Bread for the Journey: A Daybook of Wisdom and Faith*. San Francisco: HarperOne, 1997.

<sup>72</sup> PACKER, J. I. *Evangelização e a Soberania de Deus*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 73.

<sup>73</sup> KELLER, Timothy. *Justiça Generosa: A graça de Deus e a justiça social*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 54.

recebida precisa gerar graça oferecida”.<sup>74</sup> Assim, ao abraçarmos a missão, precisamos também abraçar o próximo, tudo isto é mais do que ação social é impactar o mundo na raiz.

A compaixão e a graça vividas no seio da igreja ultrapassam a esfera da filantropia ou da assistência social como vimos por diversos autores cristãos e seculares. Embora possam incluir alimentação, cuidado com os pobres, atendimento aos necessitados, sua essência é mais profunda. Trata-se de um chamado à transformação integral do ser humano, alcançando suas dimensões espirituais, morais, emocionais e sociais.

Henri Nouwen afirmou que a compaixão verdadeira “não é uma qualidade piedosa, mas a manifestação concreta da solidariedade com a dor do outro”.<sup>75</sup> A prática missionária que reflete a compaixão não se contenta em aliviar a dor imediata; ela deseja restaurar o ser humano em sua totalidade.

Timothy Keller, ao tratar da graça e da justiça do Reino, afirma que não se pode falar de evangelho sem falar de serviço ao próximo. Ele argumenta que a graça recebida nos leva inevitavelmente ao encontro do outro, especialmente dos marginalizados.<sup>76</sup> A igreja que evangeliza com compaixão transforma não apenas os indivíduos, mas também a cultura ao seu redor. Lesslie Newbigin, *The Gospel in a Pluralist Society*, argumenta que o Evangelho transcende todas as culturas e é capaz de transformar vidas e sociedades inteiras quando é proclamado com amor e compaixão.<sup>77</sup> A missão movida por compaixão e graça não apenas distribui pão, mas compartilha o Pão da Vida. A missão movida por compaixão e graça não é apenas um ato pontual de caridade ou assistência social, mas uma expressão integral do amor de Deus em ação. Ela envolve tanto o cuidado com as necessidades materiais, quanto a proclamação do evangelho, que sacia a fome espiritual do ser humano. Christopher J.H. Wright indica que a missão cristã verdadeira não se limita a aliviar as necessidades físicas, mas é uma proclamação do evangelho que oferece

---

<sup>74</sup> Douglas J. Moo, *The Letter of James* (NICNT), 2000, p. 142.

<sup>75</sup> NOUWEN, Henri J. M. *Compassion: A Reflection on the Christian Life*. New York: Doubleday, 1982.

<sup>76</sup> KELLER, Timothy. *Justiça Generosa: A graça de Deus e a justiça social*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

<sup>77</sup> NEWBIGIN, Lesslie. *The Gospel in a Pluralist Society*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 45.

o Pão da Vida — Jesus Cristo — para alimentar a alma humana.”<sup>78</sup> Não apenas constrói abrigos, mas oferece um lar espiritual. Não apenas orienta valores, mas forma discípulos. Não apenas acolhe, mas integra no Corpo de Cristo. Ao agir assim, a igreja toca na raiz do problema humano: a separação de Deus. Timothy Keller, na obra *Ministério do Evangelho* argumenta que “A missão da igreja não é apenas aliviar o sofrimento ou oferecer ajuda temporária, mas apresentar a comunidade de fé como um lugar onde a verdadeira restauração acontece, através do discipulado e da integração no corpo de Cristo.”<sup>79</sup>

Assim, F.F. Bruce sugere que “Deus, em Cristo, reconciliou o mundo consigo mesmo e confiou à igreja a missão de proclamar esta reconciliação, tornando-a um agente ativo da restauração da comunhão entre Deus e a humanidade.”<sup>80</sup> Assim, a igreja é chamada, portanto, a ser um instrumento de reconciliação. É neste ministério que Compaixão e Graça se tornam palavras encarnadas, que transformam vidas e cidades. Michael Goheen enfatiza que a missão é a identidade da igreja. “Missional é aquilo que descreve toda a vida da igreja como participante do envio de Deus.”<sup>81</sup> Viver a compaixão e a graça é, portanto, viver em conformidade com a identidade vocacional da igreja. É impactar o mundo com a notícia de que o Reino chegou, e com ele, a justiça, o perdão, a nova vida, a Compaixão e Graça.

Como afirmou Charles Spurgeon: “Todo cristão é um missionário ou um impostor”. Compaixão e graça não são apenas atributos de Deus, mas caminhos para a igreja cumprir fielmente sua missão. Mais do que projetos e atividades, elas são expressões do Reino que invadem a história, alcançam o coração do homem e o conduzem de volta para Deus.

Neste espírito, conclui-se que compaixão e graça são a ponte entre a salvação recebida e a missão exercida. São o elo entre o amor de Deus e a necessidade do mundo.

---

<sup>78</sup> WRIGHT, Christopher J.H. *The Mission of God: Unlocking the Bible's Grand Narrative*. Downers Grove: IVP Academic, 2006.

<sup>79</sup> KELLER, Timothy. *Ministério do Evangelho*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

<sup>80</sup> BRUCE, F.F. *The Epistles to the Corinthians*. Grand Rapids: Eerdmans, 1982, p. 155.

<sup>81</sup> GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia: Participando da missão de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 15.

A igreja que vive e pratica essa vocação torna-se um sinal do Reino entre os homens, refletindo a glória de Cristo em palavras e atos, em evangelização e acolhimento, em proclamação e compaixão.

### 3.1 Compaixão e graça em missão

A ação missionária da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira (JMN-CBB), junto à atuação da Junta de Missões Mundiais (JMM), tem sido uma expressão viva e concreta da compaixão e da graça recebidas da parte de Deus. Não se trata apenas de uma estratégia institucional, mas de um reflexo da teologia encarnada no serviço cristão. Autores como Lesslie Newbigin, Wayne Grudem, J. I. Packer sustentam que a graça que transforma precisa ser vivida e estendida à sociedade como sinal visível do Reino de Deus.<sup>82</sup> Conforme Yancey, “a igreja é o lugar onde a graça deve ser mais visível, porque é o lugar onde ela foi mais recebida”<sup>83</sup>, o que se concretiza na atuação da JMN nas frentes missionárias com populações ribeirinhas, indígenas, sertanejos, imigrantes, pessoas em situação de rua, dependentes químicos e crianças em vulnerabilidade. Não se trata de um ativismo desordenado ou assistencialista, mas de uma missão fundamentada na espiritualidade bíblica, conforme lembra Jonathan Edwards ao sugerir que “onde não há compaixão, não há verdadeira conversão”.<sup>84</sup>

Essa prática ministerial, operada por homens e mulheres transformados pela graça, torna-se parte do mover de Deus que conduz o povo redimido ao encontro das dores do mundo. Ao exercer essa missão, a JMN e a JMM não apenas distribuem recursos, mas compartilham o próprio Cristo. Como defende Timothy Keller, a verdadeira regeneração conduz à ação compassiva, e a missão é o resultado natural de um coração tocado por Deus.<sup>85</sup> Nesse sentido, a igreja não atua para provar seu valor, mas porque foi transformada por um amor que a impele, não por culpa, mas por gratidão. Como aponta J. I. Packer, “a verdadeira motivação para o evangelismo não é culpa, mas gratidão”.<sup>86</sup> Assim, os projetos realizados pela JMN e pela JMM revelam não apenas planejamento e

---

<sup>82</sup> NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma sociedade pluralista*. São Paulo: Ultimato, 2006.

<sup>83</sup> YANCEY, Philip. *Maravilhosa graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

<sup>84</sup> EDWARDS, Jonathan. *Religião verdadeira: Afeições religiosas*. São Paulo: PES, 2008.

<sup>85</sup> KELLER, Timothy. *Justiça generosa: A graça de Deus e a justiça social*. São Paulo: Vida Nova, 2012.

<sup>86</sup> PACKER, J. I. *Evangelização e soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

estratégia, mas uma grata resposta espiritual à graça recebida. Tudo isso é feito com consciência de que a missão da igreja é também um chamado à ordem e decência, conforme a exortação de Paulo em 1 Coríntios 14.40, onde se lê: “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem”. Conforme exegese feita por Gordon D. Fee em seu comentário sobre a Primeira Carta aos Coríntios, o apóstolo aponta que a ação no culto e na comunidade deve refletir o caráter de Deus, que é Deus de paz e não de confusão.<sup>87</sup> Aplicando esse princípio à missão, compreendemos que a prática da igreja deve ter clareza, direção e fidelidade ao propósito divino, sendo conduzida pela compaixão, mas ancorada na Verdade Bíblica. John Owen, apresenta que “a verdadeira graça transforma o coração, e de um coração regenerado brotam frutos como o amor e a compaixão; sem eles, não há sinal de vida espiritual”.<sup>88</sup> Assim nos asseguramos na percepção de que a Junta de Missões Nacionais, assim como à Junta de Missões Mundiais, não atua como uma ONG ou fundação privada, mas como um braço da igreja local em ação, integrando evangelização, discipulado e transformação social. Nos respectivos “Quem somos” dos seus respectivos sites oficiais apresentam que a Junta de Missões Nacionais (JMN) e a Junta de Missões Mundiais (JMM), ambas órgãos oficiais da Convenção Batista Brasileira (CBB), têm como propósito principal anunciar o evangelho de Cristo a todos os povos, no Brasil e no mundo, de maneira contextualizada e integral. A Junta de Missões Nacionais (JMN) atua como o braço missionário nacional da denominação, promovendo a multiplicação de discípulos de Jesus em solo brasileiro, alcançando populações ribeirinhas, indígenas, sertanejas, imigrantes, dependentes químicos e pessoas em situação de vulnerabilidade.<sup>89</sup> Seu trabalho é pautado pela proclamação do evangelho aliada à compaixão e à ação social transformadora, evidenciando a prática da fé cristã como expressão do Reino de Deus.<sup>90</sup> Por sua vez, a Junta de Missões Mundiais (JMM) representa a expressão missionária internacional da Convenção Batista Brasileira (CBB)

---

<sup>87</sup> FEE, Gordon D. *1 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

<sup>88</sup> OWEN, John. *A morte da morte na morte de Cristo*. São José dos Campos: Fiel, 2008.

<sup>89</sup> MISSÕES NACIONAIS. *Quem somos*. Disponível em:

<https://missoesnacionais.org.br/contribuir/projeto/junta-de-missoes-nacionais-cbb>. Acesso em: 24 jun. 2025.

<sup>90</sup> MISSÕES NACIONAIS. *Rede de Ação e Desenvolvimento Social*. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/compaixao-e-graca/rads/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

, presente em mais de 75 países, com a visão de levar o amor de Deus às nações por meio de ações estratégicas e culturalmente adaptadas<sup>3</sup>. Ambas as juntas operam de forma coordenada com igrejas locais e missionários, tendo como fundamento bíblico e teológico a proclamação da salvação em Jesus Cristo como meio de reconciliação entre Deus e a humanidade<sup>91</sup> Essa atuação, portanto, é teologicamente fundamentada e espiritualmente orientada. O alvo não é apenas a melhoria de índices sociais, mas a regeneração de pessoas e comunidades, conduzindo-as à comunhão com Cristo e à vida em comunidade com os santos. Como bem lembrou F. F. Bruce, “Deus, em Cristo, reconciliou o mundo consigo mesmo e confiou à igreja a missão de proclamar esta reconciliação”.<sup>92</sup> É isso que estas Juntas Missionárias da Convenção Batista Brasileira (CBB) tem feito: encarnando compaixão e graça, com ordem e fidelidade doutrinária, sem se confundir com o ativismo secular, e oferecendo ao mundo mais do que pão — oferecendo o Pão da Vida.

Como desdobramento natural da atuação fundamentada na compaixão e na graça, a Junta de Missões Nacionais (JMN), em parceria com as convenções e igrejas batistas de todo o país, tem realizado ações missionárias que evidenciam o cumprimento fiel da Grande Comissão. Essa prática é orientada por princípios bíblicos e organizacionais, como a exortação paulina para que “tudo seja feito com decência e ordem” (1Co 14.40), interpretada por Gordon D. Fee como um reflexo do caráter pacífico e organizado de Deus.<sup>93</sup> Para apresentar de forma legítima os frutos dessa atuação, utilizaremos exclusivamente os dados contidos no *Relatório Social Batista 2024*, documento oficial publicado pela própria JMN, que reúne os resultados das ações desenvolvidas ao longo do próspero ano de 2024 em todo o Brasil.

Essa escolha metodológica se justifica pelo compromisso com uma análise baseada em fontes confiáveis e alinhadas com a proposta do presente trabalho. Como afirmou Henri Nouwen, “a verdadeira compaixão nasce quando reconhecemos nossa própria necessidade de cura e permitimos que o mesmo amor que recebemos flua para os

---

<sup>91</sup> MISSÕES MUNDIAIS. *A CBB nas nações*. Disponível em: <https://missoesmundiais.com.br/a-cbb>. Acesso em: 24 jun. 2025.

<sup>92</sup> BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI – Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2010.

<sup>93</sup> FEE, Gordon D. *1 Coríntios: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

outros”<sup>94</sup>, também, na revista “Visão missionária” do mesmo ano de 2024 foi apresentado que essa realidade é vivida também na fronteira norte do país, onde a Missão Brasil Venezuela, sediada em Boa Vista (RR), desenvolve ações contínuas de cuidado integral aos refugiados venezuelanos. reafirmando que “tudo o que fazemos é pensado com o objetivo de pregar a Palavra de Deus”.<sup>95</sup> Assim, movidos pela compaixão e graça praticada — e não por ativismo ou obrigação moral —, os batistas brasileiros, por meio da JMN, têm levado o evangelho a diversas realidades e contextos, cumprindo a missão de Cristo de alcançar os confins da terra.<sup>96</sup> Com base nos números deste relatório, mais de 67 mil vidas foram tocadas por ações da JMN em 2024, que resulta em aproximadamente mais de 180 pessoas por dia durante 365 dias sendo impactadas por compaixão e graça com o Amor Transformador de Deus através da Igreja.<sup>97</sup>

O impacto dessa mobilização não se limita a estatísticas, mas resplandece em vidas redimidas e fortalecidas. Estima-se que os projetos da JMN em 2024 tenham gerado mais de 400 batismos diretos, impulsionando o corpo da Igreja Batista — hoje com mais de 9.000 congregações no Brasil<sup>98</sup> — a viver seu chamado cumprindo a Grande Comissão. Cada batismo, cada atendimento médico ou odontológico, cada família assistida ou menino em jiu-jitsu<sup>99</sup> é uma declaração viva de que a compaixão não é apenas uma estratégia missionária, mas o coração pulsante do Reino. E é por isso que, mesmo diante de um mundo sedento por resultados imediatos, a Igreja permanece firme: pois uma só alma resgatada por Cristo vale mais que o mundo inteiro, como afirma o teólogo Charles Spurgeon.<sup>100</sup>

A atuação da Junta de Missões Nacionais em 2024 expressa com clareza o poder

---

<sup>94</sup> NOUWEN, Henri. *Compaixão: Um reflexo do amor de Deus*. São Paulo: Vozes, 2002.

<sup>95</sup> MISSÕES NACIONAIS. *Até alcançar o último refugiado venezuelano!* Visão Missionária, UFMBB, 08 fev. 2024. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/2024/02/08/ate-alcancar-o-ultimo-refugiado-venezuelano/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

<sup>96</sup> PACKER, J. I. *Evangelização e soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

<sup>97</sup> JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS. *Relatório de Atuação Social dos Batistas Brasileiros 2024*. Rio de Janeiro: JMN, 2024. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br>. Acesso em: 21 jun. 2025.

<sup>98</sup> Dados da CBB, anuário estatístico 2024.

<sup>99</sup> Relatório de Atuação Social 2024, p. 33.

<sup>100</sup> SPURGEON, Charles. *O preço de uma alma*. Sermons publicados.

da compaixão e da graça quando postas em movimento. Nos 15 anos da Cristolândia, conforme declarou Fabiola Molulo Tavares, Gerente de Assistência Social da JMN, “*onde há dignidade, há esperança*”<sup>101</sup> — e isso se confirma nos resultados: 247 acolhidos batizados e 200 reinseridos à sociedade, além de uma nova unidade em construção em Luís Eduardo Magalhães (BA), com capacidade para 96 pessoas.<sup>102</sup> O SOS Batistas em Ação, enfrentando as enchentes no RS, distribuiu 900 cestas básicas, 3.000 L de água, 200 kits de higiene, 480 Bíblias e 1.000 kits infantis, e registrou 11 batismos este é o testemunho de uma Compaixão que alcança o Corpo e o Espírito.<sup>103</sup> Já na Amazônia, levaram-se alimentos, água, Bíblias e kits infantis às comunidades afetadas pela seca.<sup>104</sup> No programa Novo Sorriso, 59.314 crianças e famílias foram atendidas com 15.683 atendimentos médicos, 42.521 odontológicos, 34.004 medicamentos distribuídos, 52.279 pastas de dente, filtros de água e 14.335 atendimentos realizados a bordo dos Barcos Missionários I e II, além do apoio de três Carretas Missionárias.<sup>105</sup> No exercício missionário na Amazônia, a compaixão e a graça não se revelam apenas como conceitos teológicos, mas como atitudes concretas diante da dor alheia. Segundo Germana Matheus, coordenadora do Projeto Amazônia, “cada viagem ao campo é marcada pela gratidão e pela certeza de que, mesmo em meio à tristeza, é possível levar a esperança de Cristo”.<sup>106</sup> Assim, projetos locais, como o da PIB Mucajaí (RR), dão continuidade a esse cuidado integral, reunindo mais de 40 meninos em aulas de jiu-jitsu e musicalização<sup>107</sup> apresentam uma combinação de disciplina, saúde e arte que forma cidadãos, não apenas crentes. Todos esses esforços demonstram que a missão eficaz vai além do socorro pontual: ela restaura dignidade, promove qualidade de vida e leva o Evangelho vivo onde ele é mais necessário.

---

<sup>101</sup> Relatório de Atuação Social 2024, p. 7.

<sup>102</sup> Ibid., p. 18.

<sup>103</sup> Ibid., p. 18.

<sup>104</sup> Ibid., p. 19.

<sup>105</sup> Ibid., pp. 20–21.

<sup>106</sup> MATHEUS, Germana. Coordenadora do Projeto Amazônia da Junta de Missões Nacionais. Relato publicado no site da JMN. Disponível em: <https://missoesnacionais.org.br/projeto-amazonia-expressa-a-graca-e-a-compaixao-de-cristo/>. Acesso em: 24 jun. 2025.

<sup>107</sup> Ibid., p. 33.

Desta maneira a vida de Carlos Díaz imigrante, Venezuelano, artista plástico e membro da Congregação Batista Missão Brasil Venezuela da Junta de Missões Nacionais (CBMBV- JMN), é observada como o testemunho vivo de que a compaixão e a graça ao alcançar transforma e comissionam. É visto que Carlos não apenas conheceu Cristo por meio do trabalho missionário, como agora é instrumento de Deus para alcançar outros refugiados com a linguagem que conhece: a arte. No relato de Marcos Araújo e Juli Helen Araújo publicado na *Revista Visão Missionária apresenta-se* que “Na Congregação Batista Missão Brasil Venezuela da Junta de Missões Nacionais (CBMBV- JMN), apresenta-se que haviam aulas de artes, que eram ministradas pelo membro da Congregação e artista plástico, Carlos Díaz, venezuelano fruto do trabalho da Congregação, que visa alcançar para Cristo os seus conterrâneos com a arte”.<sup>108</sup> Assim, relembra-se que ele não é apenas uma estatística entre os 67.301 atendimentos realizados pelos projetos da Junta de Missões Nacionais em 2024 — ele é um rosto, um nome, uma vida transformada. E a oração que move cada linha deste trabalho é que Deus levante mais de 67 mil “Carlos” a cada 365 dias, pessoas restauradas pela graça, acolhidas pela compaixão e enviadas como discípulos que fazem discípulos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, este estudo apresentou que a missão da igreja não é teórica.<sup>109</sup> Ela acontece no encontro com o outro, quando a fé de acordo com John Stott deixa de ser apenas confissão e se torna ação<sup>110</sup>; quando a ortodoxia se transforma em prática encarnada<sup>111</sup>; quando de acordo com o Pastor Fernando Brandão a teologia desce do púlpito e caminha pelas ruas, florestas e fronteiras.<sup>112</sup> A compaixão e a graça, nesse sentido, não são recursos periféricos, mas o próprio DNA do cristão e ferramenta essencial para o cumprimento da

---

<sup>108</sup> ARAÚJO, Marcos Vinícius Moraes de; ARAÚJO, Juli Helen dos Santos. *Até alcançar o último refugiado venezuelano!* Revista Visão Missionária, Missões Nacionais, 08 fev. 2024. Disponível em:

<https://missoesnacionais.org.br/noticias/ate-alcancar-o-ultimo-refugiado-venezuelano/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

<sup>109</sup> BOSCH, David J. *Missão Transformadora*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

<sup>110</sup> STOTT, John. *The Message of James*. Downers Grove: IVP, 1984.

<sup>111</sup> GUSSO, Antônio Renato. *Comentário Bíblico da Carta de Tiago*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

<sup>112</sup> BRANDÃO, Fernando. *Compaixão e Graça na Missão*. Rio de Janeiro: JMN, 2022.

Grande Comissão.

Compreendemos com a pesquisa e reiterado através da obra “Salvos para proclamar” que a compaixão que move Jesus em direção aos aflitos é a mesma que deve mover a igreja hoje<sup>113</sup>, tal como a graça que nos alcançou sem mérito algum deve agora ser estendida com generosidade a todos os povos, especialmente aos marginalizados, feridos e esquecidos pela sociedade.<sup>114</sup> A luz da eclesiologia de Ratzinger, um dos maiores teólogos cristãos do século XX e XXI compreendemos que a Igreja, embora imperfeita, é o sinal visível da salvação de Deus. Ela é chamada a “misturar-se à sujeira do mundo para superá-la”.<sup>115</sup> Não se trata de uma santidade intocável, mas de uma santidade que abraça, que caminha junto, que se deixa tocar e que toca com amor. Como bem expressou Wayne Grudem, a graça é o favor imerecido de Deus, mas também um modelo de vida para os crentes.<sup>116</sup> Ela nos molda, nos envia e nos compromete. Nesse caminho, cada cristão é chamado a viver uma espiritualidade que não se satisfaz com palavras, mas encontra sua expressão mais autêntica no serviço ao próximo.<sup>117</sup>

Compaixão e graça não são apenas conceitos teológicos. São feridas curadas, lares reconstruídos, dignidade restaurada, crianças alimentadas, refugiados acolhidos, pecadores perdoados — e a mensagem do evangelho tornando-se real e palpável. Essa é a fé que o mundo precisa ver — uma fé em movimento. Que este trabalho não se encerre em páginas escritas, mas reverbere em vidas transformadas. Que mais igrejas se levantem não apenas como templos, mas como comunidades que curam. Que cada leitor, teólogo ou não, se sinta desafiado a viver a missão de Jesus com o coração cheio de graça e as mãos cheias de compaixão.

## REFERÊNCIAS

---

<sup>113</sup> KÖSTENBERGER, Andreas J.; O'BRIEN, Peter T. *Salvos para Proclamar*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

<sup>114</sup> ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

<sup>115</sup> RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2006, p. 252.

<sup>116</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: uma análise histórica, bíblica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

<sup>117</sup> FOSTER, Richard. *Celebração da Disciplina*. São Paulo: Vida, 2007.

- BARTH, Karl. *A missão da igreja*. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. BERKHOF, Louis. *Teologia sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.
- BRANDÃO, Fernando. *Compaixão e graça na missão*. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais, 2022.
- CASIMIRO, Arival Dias. *Plantando igrejas saudáveis*. São Paulo: Fiel, 2019.
- ERICKSON, Millard J. *Teologia sistemática*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- FOSTER, Richard. *Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual*. 3. ed. São Paulo: Vida, 2007.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática: uma análise bíblica, histórica e contemporânea*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- GUSSO, Antônio Renato. *Comentário bíblico: Tiago*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- KELLER, Timothy. *Igreja centrada: fazendo o evangelho ser o centro do ministério*. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; O'BRIEN, Peter T. *Salvos para proclamar: uma teologia bíblica da missão*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- LINS CALDAS, Alberto. *A igreja que Deus quer*. Recife: Editora Batista Bereana, 2021.
- MOO, Douglas J. *The letter of James*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.
- NOUWEN, Henri. *Compassion: a reflection on the Christian life*. New York: Image Books, 1982.
- PLANTINGA, Alvin. *Deus e outras mentes: um ensaio contemporâneo sobre a racionalidade da crença em Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o credo apostólico proferidas perante estudantes universitários*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- RATZINGER, Joseph. *Deus caritas est: encíclica sobre o amor cristão*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2005.
- SALAMON, Lester M. *The resilient sector: the state of nonprofit America*. Washington: Brookings Institution Press, 2012.
- STOTT, John. *A missão cristã no mundo moderno*. Viçosa: Ultimato, 2008.
- STOTT, John. *The message of James: the tests of faith*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1984.